

## EM DESTAQUE

### ARISTÓFANES, *AS NUVENS*

RTP-2

Realização de Helder Duarte

Em 17 de Julho último, a RTP apresentou, no Canal 2, *As Nuvens de Aristófanes*, numa realização de Helder Duarte. O facto merece registo, pois é raro vermos na televisão produções nacionais que consigam, ao mesmo tempo, ter interesse cultural e ser acessíveis ao grande público.

A tradução utilizada, que poupou os nossos ouvidos aos habituais dislates na adaptação dos nomes gregos ao português, foi o primeiro indício do rigor da realização.

Começamos, pois, por falar desta tradução (Clássicos Inquérito) da autoria de Custódio Magueijo, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, texto ao mesmo tempo literário e popular, pelo que pode ser facilmente "dito" e entendido, sem que se perca nenhum dos registos da comédia grega original. Recorde-se, por exemplo, a solenidade de uma fala de Sócrates

ó Senhor Soberano, Ar incomensurável, que susténs a Terra no espaço; e tu, claríssimo Éter; e vós, augustas divindades, vós Nuvens, portadoras do trovão e do raio: elevai-vos, mostrai-vos lá do alto dos céus a este pensador

e confronte-se com a grosseria de Estrepsíades

Sim, por Apolo, e a barriga começa logo a fazer coisas do diabo, fica desinquieta... e então o caldinho, como um trovão, desata a estralejar, a ribombar, primeiro com suavidade: pum-pum, pum-pum; depois

em crescendo: pum-pum-pum-pum; e quando já estou a borrar-me, ribomba desalmadamente: PUM-PUM-PUM-PUM.

Conhecedor, como poucos, da língua portuguesa, conhecedor, como muito poucos, da língua grega, não admira que Custódio Magueijo tenha conseguido uma tradução em que o espírito aristofânico continua presente.

Mas de nada valeriam estes atributos sem o trabalho, excelente, de Helder Duarte, que combina uma encenação discreta com uma grande força cômica. Assim, por exemplo, ao passo que a acção decorre em cenários estilizados, sóbrios, em tons de amarelo e castanho, a comicidade do texto é apoiada pela divertida "loucura" dos separadores escritos em grego e ... legendados em português; pelo indicativo, a brincar, de programa para adultos (não uma, mas ... duas bolinhas); pelas cenas de bastidores; etc.

Se o realizador "agarrou" o espírito aristofânico, soube também transmiti-lo aos actores. João d'Ávila, António Rama (os dois "Raciocínios") e, até, os "Credores" e o "Discípulo" cumprem bem o seu papel. Referência especial merecem João Maria Pinto (Estrepsíades) e Diogo Infante (Fidípides): o primeiro é "impagável", ao mesmo tempo espertalhão e bronco, pobre diabo e vingativo, ridículo e comovente (Aristófanes não exigiria mais); Diogo Infante desempenha o seu papel com grande poder histriónico e expressão corporal condicente (recorde-se como a sua perplexidade, quando escuta o ὄγών dos "Raciocínios", se manifesta não apenas por um ar apatetado, mas também pelas mudanças de posição das pernas), numa criação bem distinta do seu encantador Oberon do *Sonho de Uma Noite de Verão* (Teatro da Malaposta, 1991).

Pomos algumas reservas à figura de Sócrates, não por Cândido Ferreira não a defender com correcção, mas porque, havendo várias referências ao ar macilento e doentio dos residentes no *frontistério*, se esqueceu este pormenor. Assim temos um Sócrates que talvez corresponda à figura escultórica que dele nos foi transmitida, mas que tem um aspecto demasiado *saudável* para o Sócrates de Aristófanes...

Quanto ao corte da parábase, compreende-se e aceita-se, dadas as exigências do tempo televisivo.

Como, porém, não há bela sem senão, diga-se que o senão destas *Nuvens* é, exactamente, o respectivo coro, quase estático, quando o coro grego associava a componente vocal à coreográfica. Discutível nos pareceu também a indumentária das "Mulheres-Nuvens" (túnicas opacas, de um azul forte). Tendo este e outros coros de Aristófanes um código

visual muito concreto (cf. Aves, Rãs, Vespas), esperar-se-iam umas Nuvens vaporosas (túnicas de tule ou organza) e um colorido simbólico (branco, tons de cinzento). A indumentária que vimos seria mais própria da Assembleia de Mulheres ou da Lisístrata.

Estas pequenas objecções em nada diminuem o mérito do realizador: antes querem realçar o grande interesse (não desmerecido), com que vimos as suas *Nuvens* – bem dignas de ser apresentadas noutra hora... Infelizmente, os responsáveis pela televisão estatal entendem que os telespectadores menos conformistas têm de sacrificar às Musas as suas horas de sono. Cansam-nos de tanto falar na *Europa*. Mas, na Europa, os clássicos estão na moda. Se nos recordarmos, nomeadamente, de que um dos últimos grandes êxitos do West End londrino foi, imagine-se, a *Lisístrata* (encenação de Peter Hall), temos de reconhecer que passar Aristófanes a desoras revela, pelo menos, uma grande falta de visão... europeia!

Maria Isabel Rebelo Gonçalves

GIÁNNOS RITSOS, *Antologia*. Selecção, tradução e prefácio do Custódio Magueijo. Coimbra, Fora do Texto, 1993.

Porquê o destaque conferido na *Classica* a um livro de poemas, de um autor do nosso século, G. Ritsos, escritos, obviamente, em grego moderno?

A resposta é simples e afigura-se evidente para quem tiver a dita de ler, apreciar, saborear longamente esta Antologia de belíssimos poemas.

Em primeiro lugar, pelo tradutor. Custódio Magueijó, que verte com igual excelência o grego antigo e o grego moderno, e que, mais que ninguém, não só traduz como respeita a poesia do original, é sem dúvida o grande responsável por lermos Ritsos sem deplorarmos em demasia que esta edição não seja bilingue.

Em segundo lugar, porque a *Antologia* está abundantemente polvilhada de poemas em que reencontramos as figuras da mitologia, os heróis dos tempos homéricos, o espírito clássico que persiste em quem também sofreu e sublimou a dor em poesia no século das duas guerras mundiais e de outras atrocidades que o homem não pode nem quer esquecer.

Tomemos um exemplo, talvez o mais belo: é Penélope quem reencontramos. Desta vez, porém, ela olha o regressado Ulisses, reconhece-o, mas o amor esvaiu-se nos anos e em amargura.